



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**A IMPORTÂNCIA DA PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NA CONSTRUÇÃO DE
HÁBITOS DE ESTUDOS PARA CRIANÇAS DE ENSINO FUNDAMENTAL 1
DURANTE E DEPOIS DA PANDEMIA DO CORONAVÍRUS**

MARCELA MENÊSES DE FREITAS

**BRASÍLIA-DF
2023**



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**A IMPORTÂNCIA DA PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NA CONSTRUÇÃO DE
HÁBITOS DE ESTUDOS PARA CRIANÇAS DE ENSINO FUNDAMENTAL 1
DURANTE E DEPOIS DA PANDEMIA DO CORONAVÍRUS**

MARCELA MENÊSES DE FREITAS

Trabalho Final de Curso apresentado à comissão examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília – FE/UNB - como requisito parcial para obtenção do grau de licenciatura plena em Pedagogia.

Orientador(a): Profa. Dra. Alia Maria Barrios González

**BRASÍLIA-DF
2023**

TERMO DE APROVAÇÃO

MARCELA MENÊSES DE FREITAS

A IMPORTÂNCIA DA PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NA CONSTRUÇÃO DE HÁBITOS DE ESTUDOS PARA CRIANÇAS DE ENSINO FUNDAMENTAL 1 DURANTE E DEPOIS DA PANDEMIA DO CORONAVÍRUS

Trabalho Final de Curso apresentado
como requisito para conclusão do Curso
de Pedagogia da Faculdade de Educação
da Universidade de Brasília.

Banca Examinadora

Profa.Dra. Alia Maria Barrios González (Orientadora)
Faculdade de Educação - UnB

Profa. Ma. Daiane Aparecida Araújo de Oliveira
(Avaliadora externa) Colégio CIMAN

Profa. Dra. Cândida Beatriz Alves
(Avaliadora interna) Faculdade de Educação - UnB

Profa. Ma. Lucimara Gomes Oliveira de Moraes
(Suplente) Faculdade de Educação - UnB

Brasília, 20 de Julho de 2023

FICHA CATALOGRÁFICA

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho, com gratidão no coração, a Deus, aos meus pais, ao meu esposo, aos meus irmãos e aos meus amigos de caminhada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por sempre cuidar de mim, me guiar, não deixar faltar nada em minha casa, por ser meu porto seguro e por ter me apresentado o propósito de vida de servir a Ele e de ajudar aos outros com tudo o que tenho, o que sou e com todo o meu conhecimento.

Aos meus pais que me proporcionaram toda a minha base na educação: à minha mãe que se doou e sacrificou a sua vida para proporcionar a mim e aos meus irmãos uma ótima educação, ao meu pai por nos impulsionar e nos manter, sem nunca murmurar e sem nos deixar faltar nada.

Ao meu esposo e grande amor, Thiago, que me acompanha desde os quinze anos de idade, que foi suporte e força em toda a minha jornada de vida e acadêmica. À minha sogra por ter me apresentado a carreira de Pedagoga e por ter me incentivado.

Aos meus irmãos, Igor e Tiago, por toda cumplicidade desde sempre. Aos meus grandes amigos: Eduarda Costa, Emanuelle Cunha, Vinícius Martins, Matheus Costa, Leonardo Costa, Carolina Veiga, Carolina Mac Cord, Vitor Pacífico, Juliana Menêses, Débora Britto, Ana Paula Moura e Juliana Trindade. Vocês foram essenciais nessa jornada!

À minha orientadora Alia Maria Barrios González por ter aceitado o desafio de me guiar neste processo de final de curso e por toda dedicação e atenção.

Aos meus avós paternos, Lúcia e Ives (*in memoriam*), por terem nos ajudado sempre, e por terem pagado meu cursinho pré-vestibular, que foi trampolim para o meu ingresso na universidade. Toda honra e glória a Deus!

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	1
1.1 A importância da rotina de estudo no Ensino Fundamental 1.....	1
1.2 A rotina de estudo como atividade molar do desenvolvimento e aprendizagem.....	5
2. METODOLOGIA.....	7
2.1 Aspectos Metodológicos.....	7
2.2 Objetivos da Pesquisa.....	8
2.3 Participantes da Pesquisa.....	8
2.4 Instrumentos de Pesquisa.....	9
2.5 Procedimentos de Pesquisa.....	10
2.6 Procedimentos de análise da Pesquisa.....	12
3. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	12
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	20
REFERÊNCIAS.....	22

PARTE I – MEMORIAL ACADÊMICO

MEMORIAL ACADÊMICO E PERSPECTIVAS FUTURAS

Este relato tem o objetivo de apresentar um memorial a respeito da minha trajetória de vida, trazendo reflexões e lembranças de como cheguei à Universidade de Brasília e o motivo de ter escolhido este tema. Meu nome é Marcela Menêses de Freitas, tenho 25 anos, nasci em Brasília, Distrito Federal. Estou me graduando em Pedagogia na Universidade de Brasília.

Em 2015, me formei no Ensino Médio, aos 17 anos, e ingressei no Centro Universitário de Brasília - UniCEUB, no curso de Direito. Fiz dois semestres e, apesar de ter gostado do que tinha estudado até então, tive que trancar o curso. Ao final do ano de 2016, me vi perdida por ter acabado de interromper uma fase que supostamente traçaria toda a minha carreira. Eu não sabia o que fazer. Então, comecei uma caminhada de autoconhecimento, guiada pela minha psicóloga, e comecei uma busca por conquistas e perspectiva de vida.

Após seguir outros caminhos, alguns anos mais tarde, resolvi iniciar, no início de 2019, uma caminhada em um cursinho pré-vestibular. Não foi um caminho fácil de percorrer, pois enquanto eu estava no cursinho, também estava trabalhando, e a rotina de conciliar os dois era muito cansativa. Seis meses depois, fui aprovada.

Entre na UnB no segundo semestre de 2019. Meu primeiro semestre foi ótimo, duas matérias me surpreenderam e me marcaram positivamente, e até hoje lembro das aulas que assisti: Filosofia da Educação e Psicologia da Educação. A matéria de filosofia me fez questionar, pensar, criticar, comparar e olhar profundamente para as relações sociais e pessoais de um meio, entender teorias, pensamentos, modos de viver e de pensar que afetaram e que afetam a sociedade de hoje, principalmente na área da educação. Foi uma desafiadora e excelente matéria a cursar. Gratidão ao professor Rainri Back pelo curso e pelos aprendizados. Já a professora Mônica Maria, nos guiou pelo curso de Psicologia da Educação e eu fiquei encantada. Ao estudarmos sobre parentalidade, fases da infância e comportamento infantil, fiquei instigada a procurar mais a respeito.

Logo veio a pandemia e mudou completamente a dinâmica da vida de todos nós e tive que me adaptar à nova realidade. Como aluna, percebi que tinha que criar novas estratégias de estudos. Foi desafiador! Eu só conseguia pensar como

estava sendo difícil para mim, sendo adulta, e só de imaginar como estava sendo para as crianças pequenas e seus pais, eu ficava preocupada. Eram muitas coisas para nós conciliarmos: preocupações com a nova rotina e com tantas informações, responsabilidades diferentes, como escola, trabalho, limitações da pandemia, ansiedades, incertezas, relações pessoais e afazeres domésticos.

Durante a quarentena, participei de um congresso *online*, sobre parentalidade. Foi a primeira vez que tive um contato profundo sobre o tema, e pude analisar e refletir sobre a relação da participação dos pais e da família na vida das crianças, e como suas atitudes impactam na vida dos seus filhos, direta ou indiretamente. Logo percebi que a área que eu gostaria de focar na Pedagogia, teria mais relação com os pais e com a família, do que com as próprias crianças em si. Nasceu em mim uma curiosidade para entender como funciona a relação de um pai com seu(s) filho(s), a influência de sua participação, costumes e hábitos na rotina da casa. Com isso, eu queria entender o porquê de determinados comportamentos apresentados pelas crianças.

Em agosto de 2020 voltei para a prática presencial do estágio iniciado em Março, que havia sido interrompida pelo confinamento, no Colégio Presbiteriano Mackenzie. Ao pensar e ler sobre parentalidade e comportamento infantil, minha mente começou a observar e a tentar entender as crianças do meu convívio. Ao presenciar qualquer situação, automaticamente eu pensava: “Será que essa criança está gritando desse jeito, porque foi a maneira que ela viu os pais fazendo em casa?”, “Será que esse choro é sono, birra, ou ela está tentando se comunicar?”, “Ou apenas está querendo chamar atenção?”, “Será que ela tem a atenção necessária em casa?”, “Como será que os pais dela se comportam?”, “Como deve ser a rotina e a estrutura familiar dessa criança?”, “Será que o pai é presente?”, “Será que a mãe está sobrecarregada?”, “Será que os pais sabem o que acontece na escola?”, “Será que eles acompanham provas, trabalhos e deveres de casa?”. Em todo tempo eu estava questionando, pensando, refletindo.

Ao longo do curso percebi que este era o caminho que eu queria traçar: entender a importância da participação da família e de suas atitudes, e seus impactos na rotina e na vida das crianças, e como eu poderia ajudá-las. Em maio de 2021, saí do estágio e comecei a trabalhar como professora particular e de reforço

escolar. Tive um outro olhar sobre as inúmeras dificuldades que as crianças estavam enfrentando na escola, neste mundo pós-pandêmico. Havia todo tipo de caso: crianças viciadas em telas/*video-games*/jogos, crianças sedentárias e que muitas vezes estavam muito acima do peso, se alimentando muito mal. Crianças com dificuldade na coordenação motora fina, que não conseguiam segurar um lápis direito, pela falta de prática. Crianças ansiosas, preocupadas, sem hábito de leitura, de estudo, sem rotina. Pais preocupados, perdidos, ansiosos, desesperados por ajuda e exaustos físico e emocionalmente, em virtude da pandemia.

Foi um choque de realidade. Fiquei triste, mas também motivada a fazer alguma coisa a respeito. Fui recebendo cada vez mais alunos e cada um deles era um desafio em particular: TDAH, hiperatividade, superdotação, dislexia, discalculia, transtornos de ansiedade. Todos diagnósticos de crianças de até treze anos, todos estudantes do Ensino Fundamental 1. Estudei, li, procurei ajuda e indicação da minha sogra (que é fonoaudióloga e psicopedagoga), e de outros profissionais, para conseguir as estratégias corretas para auxiliar todas as famílias com a organização da rotina escolar.

Reparei como o comportamento dos pais guiava os hábitos deles e da sua família, influenciando na rotina da casa e na forma como a criança agia frente aos problemas e desafios da escola. Nunca saberemos ao certo todos os impactos da pandemia na vida das pessoas e no mundo, mas percebi que unindo dedicação, esforço e ciência, é possível pensar em possibilidades de ajuda para algumas famílias criarem hábitos de estudos, para que as crianças tenham desempenhos melhores. E é isto que eu pretendo analisar neste trabalho: a importância da participação da família na construção de hábitos de estudos de crianças do Ensino Fundamental 1 durante e depois da pandemia do Coronavírus.

A minha perspectiva futura, após me formar, é continuar estudando nessa área, fazer uma pós-graduação em psicopedagogia, em comportamento parental e infantil. O intuito é colaborar com alguns pais e ajudá-los a lidarem com seus filhos e entenderem suas dificuldades, para que eles se tornem pais mais compreensivos, atenciosos e conscientes do impacto de suas atitudes na vida pessoal e escolar de seus filhos.

PARTE II - ARTIGO

A IMPORTÂNCIA DA PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NA CONSTRUÇÃO DE HÁBITOS DE ESTUDOS PARA CRIANÇAS DE ENSINO FUNDAMENTAL 1 DURANTE E DEPOIS DA PANDEMIA DO CORONAVÍRUS

THE IMPORTANCE OF FAMILY PARTICIPATION IN BUILDING STUDY HABITS FOR ELEMENTARY SCHOOL CHILDREN DURING AND AFTER THE CORONAVIRUS PANDEMIC

RESUMO: O presente artigo aborda a importância da participação da família na construção de hábitos de estudos para crianças do Ensino Fundamental 1 durante e depois da pandemia do Coronavírus. O objetivo geral deste trabalho é compreender o possível impacto da participação da família na construção de hábitos de estudo. Foi realizada uma pesquisa qualitativa, baseada em entrevistas feitas com mães de crianças que estavam no Ensino Fundamental 1 durante a pandemia, abordando os desafios que enfrentaram para manter uma rotina de estudos, durante o confinamento e as aulas *online*, e o que aconteceu depois, com o retorno às aulas presenciais. De acordo com o modelo bioecológico de Bronfenbrenner, a participação da família em atividades escolares, propulsiona a aprendizagem e o desenvolvimento de crianças, criando um laço de confiança com os pais, proporcionando um microssistema familiar afetivo, gerando um ambiente favorável ao pleno desenvolvimento da criança. Os resultados apontam que, durante a pandemia, as mães tiveram muita dificuldade em fazer os filhos se concentrarem nas aulas *online*. Na volta ao sistema presencial, todas as crianças demonstraram dificuldades de aprendizado - principalmente em escrita e leitura. Todas as mães disseram acreditar ser muito importante acompanhar a rotina de estudos dos filhos e 4 das 5 mães sugeriram buscar ajuda de terceiros para auxiliar os filhos com as atividades propostas pela escola.

Palavras-chave: Família. Hábitos de estudo. Crianças. Ensino Fundamental 1. Pandemia.

ABSTRACT: This article addresses the importance of family participation in building study habits for elementary school children during and after the Coronavirus pandemic. The general objective of this work is to understand the possible impact of family participation in the construction of study habits. A qualitative research was carried out, based on interviews with mothers of children who were in Elementary School during the pandemic, addressing the challenges faced in maintaining a study routine, during confinement and online classes, and what happened afterwards, with the return to face-to-face classes. According to Bronfenbrenner's bioecological model, family participation in school activities boosts children's learning and development, creating a bond of trust with parents, providing an affective family microsystem and generating a favorable environment for the full development of the child. The results point out that during the pandemic, mothers had a lot of difficulty getting their children to concentrate on online classes. Upon returning to the face-to-face system, all children showed learning difficulties - especially in writing and reading. All mothers said they believe it is very important to follow their children's study routine and 4 out of 5 mothers suggested seeking help from third parties to help their children with the activities proposed by the school.

Keywords: Family. Study Habits. Children. Elementary School. Pandemic.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo fazer uma pesquisa qualitativa a respeito dos possíveis hábitos de estudos e das possíveis estratégias de rotina escolar, que podem ter sido desenvolvidas, ou não pelas famílias, especificamente pelas mães entrevistadas durante a pesquisa, a fim de identificar quais foram as atitudes tomadas por elas em relação à construção de uma rotina de hábitos de estudos, durante a pandemia do Coronavírus e depois dela.

A pandemia do Coronavírus, também conhecida como COVID-19, foi um surto global de uma doença respiratória. Ela teve início em Wuhan, na China, no final de 2019, e rapidamente se espalhou para outros países, tornando-se uma emergência de saúde pública mundial.

Ela trouxe um impacto significativo na educação em todo o mundo, como o fechamento de escolas, transição das aulas presenciais para o ensino remoto, cancelamento de exames e avaliações e diversos desafios para a educação e educadores. Este foi o cenário em que as famílias se encontraram para ter que ressignificar a sua realidade e tentar conciliar trabalho remoto, dificuldades da quarentena e tentar entender e se envolver com as aulas *online*.

O contexto de pandemia (Covid-19) impôs a reorganização dos processos de escolarização, forçando professores, alunos, gestores e famílias a buscarem nas tecnologias digitais estratégias educacionais de comunicação capazes de redefinir as relações pedagógicas (SILVA, 2021)

O foco da pesquisa é levantar dados de estudos de crianças que estavam no Ensino Fundamental 1 no ano de 2020, e enfatizar a importância da participação da família no processo de aprendizagem.

1.1 A importância da rotina de estudo no Ensino Fundamental 1

Os anos iniciais do Ensino Fundamental 1 foi a fase escolhida, por se tratar de um período essencial para o processo de escolarização da criança, demandando dedicação, disciplina e tempo para a construção de habilidades e competências específicas que serão importantes para o percurso escolar.

Este período escolar é essencial para o pleno desenvolvimento da criança, por ser uma fase em que ela vive mudanças que passam a repercutir e a influenciar a forma como ela enxerga e se relaciona consigo mesma, com os outros e com o mundo (BRASIL, 2017, p. 58).

Este mesmo texto citado acima, relata como as experiências vividas pela criança nesta etapa da vida, interferem, também, na forma como ela constrói novas aprendizagens, entende a própria identidade, convive dentro e fora da escola, modifica, desenvolve e reconhece as suas próprias potencialidades e habilidades, observa e analisa o tempo e o espaço, aprende a ter uma atitude ativa em relação ao outro, sem focar apenas em si mesma.

O tempo e a qualidade das relações que um aluno vivencia no ambiente escolar em que está inserido, podem instigar o seu desenvolvimento e influenciar fortemente as suas atitudes dentro e fora da escola.

O estímulo ao pensamento criativo, lógico e crítico, por meio da construção e do fortalecimento da capacidade de fazer perguntas e de avaliar respostas, de argumentar, de interagir com diversas produções culturais, de fazer uso de tecnologias de informação e comunicação, possibilita aos alunos ampliar sua compreensão de si mesmos, do mundo natural e social, das relações dos seres humanos entre si e com a natureza (BRASIL, 2017, p.58).

Na escola, são horas, meses e anos investidos em autoconhecimento, aprendizagens, vivências e experiências múltiplas, em que o indivíduo se entende como sujeito ativo, como cidadão e como sujeito de direitos e deveres. Além disso, a criança se reconhece como estudante e passa a entender a lógica e a dinâmica social que envolve o ato de estudar.

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1988, art. 205).

A importância do estudar passa a ser cada vez mais nítida para o aluno do Ensino Fundamental 1, a ponto dele entender quais são as suas responsabilidades, afazeres e deveres, e como é importante a sua dedicação.

As características dessa faixa etária demandam um trabalho no ambiente

escolar que se organize em torno dos interesses manifestos pelas crianças, de suas vivências mais imediatas para que, com base nessas vivências, elas possam, progressivamente, ampliar essa compreensão, o que se dá pela mobilização de operações cognitivas cada vez mais complexas e pela sensibilidade para apreender o mundo, expressar-se sobre ele e nele atuar (BRASIL, 2017, p.p. 58 e 59).

Entretanto, algo tão essencial quanto a criança estudar, cumprir as suas obrigações e entender seus papéis como um sujeito ativo, é o fato da família participar desse processo de compreensão e da construção da rotina (SOARES et al, 2004).

Os hábitos de estudos são fundamentais para o sucesso acadêmico e para a aprendizagem ao longo da vida (BRASIL, 2017, p. 58). No Ensino Fundamental 1, esses hábitos podem influenciar positivamente o desenvolvimento cognitivo e socioemocional das crianças, além de serem importantes para a formação de uma rotina saudável e disciplinada.

Rotina é fundamental, pois auxilia tanto professores quanto pais e responsáveis a estabelecerem regras, impor limites e construir uma lógica sequencial na mente das crianças. Isso as ajuda a entender o que está por vir, qual será o próximo passo, e o que deverá ser feito em seguida. Podendo evitar ansiedade e frustração dos pequenos, fazendo com que eles cooperem e entendam o que está acontecendo ao seu redor, para compreenderem a importância da sua participação e cooperação, como afirmou Dantas (2020) em uma matéria da Revista Saúde de Florianópolis.

Diversos estudos têm demonstrado a relação entre os hábitos de estudos e o desempenho acadêmico dos alunos no Ensino Fundamental. Por exemplo, uma pesquisa realizada por Rani e Kumar (2021) com estudantes de ensino fundamental na Índia, identificou que os alunos que tinham hábitos de estudos regulares, apresentaram um desempenho melhor em matemática, ciências e língua inglesa. No contexto brasileiro, autores como Fonseca (2014), também enfatizam a importância da construção de hábitos de estudo, enquanto estratégia de aprendizagem.

Além de rotina e organização, outro fator essencial para auxiliar as crianças tanto na construção de hábitos de estudos, quanto para trazer uma base para o sucesso acadêmico e pessoal dos estudantes, é a participação dos pais

(FONSECA *et al.*, 2014).

A família é o primeiro e mais importante ambiente de socialização e aprendizado da criança, e é essencial que ela seja um suporte durante toda a vida escolar de um indivíduo. Ademais, a interação que os filhos têm com os pais, observando e aprendendo, mesmo que inconscientemente - as habilidades sociais deles, pode interferir no repertório social e cultural das crianças.

Justamente por sua natureza, a Psicologia procura definir a família diferenciando-a de outros grupos sociais, pelo fato de os indivíduos que a compõem estarem ligados por fortes laços de afeição e lealdade, não sendo a afiliação passível de demissão - nela só se entra através do nascimento, adoção e casamento e só se sai pela morte (concretamente falando, porque permanece na lembrança). (MACEDO, 2013).

Como salientado acima, o conceito de família relaciona afeto entre pessoas, sejam elas pais, mães e/ou responsáveis, para com crianças e/ou entre si. Durante a construção desta pesquisa, houve o entendimento de que as mães não resumem a ideia de família e nem devem assumir tal fardo sozinhas.

Práticas parentais positivas como uma boa comunicação, uma clara expressão de sentimentos e o estabelecimento de limites, podem evitar dificuldades de interações de crianças com o meio externo. Associada a essas práticas, uma monitoria positiva dos responsáveis - que seria a observação do comportamento moral das crianças e como ela lida com atenção e privilégios - é importante para o desenvolvimento de "virtudes, tais como empatia, senso de justiça, responsabilidade e trabalho". (TURINI; LOUREIRO, 2011).

Porém, por outro lado, práticas negativas parentais como negligência, ausência de atenção e de afeto, disciplina relaxada na rotina, como o não estabelecimento ou o afrouxamento de regras, podem gerar problemas de comportamento e dificuldades de habilidades sociais infantis (TURINI; LOUREIRO, 2011).

Observa-se que a participação da família também pode ser uma fonte de inspiração para os estudantes, mostrando a importância e os benefícios do aprendizado contínuo e do investimento em si mesmos. Ainda, a participação dos pais e responsáveis no processo educacional, pode ajudar a criança a construir uma relação de confiança e comunicação com a escola, o que pode

ser benéfico tanto para o estudante, quanto para a instituição.

Outro estudo realizado por Albuquerque (2019) com crianças brasileiras do Ensino Fundamental 1, destacou a importância da rotina de estudos para o desenvolvimento de habilidades como atenção, organização e responsabilidade, que são fundamentais não apenas para a aprendizagem escolar, mas também para a vida em sociedade.

Dessa forma, entende-se que é fundamental que as escolas incentivem e orientem os alunos sobre a importância de adquirir bons hábitos de estudos, desde o Ensino Fundamental 1, por meio de práticas como o estabelecimento de rotinas de estudo, a criação de ambientes favoráveis ao aprendizado, a promoção da autonomia e a responsabilidade dos alunos, entre outras estratégias.

O ambiente em que a criança está inserida é extremamente importante para o seu desenvolvimento e crescimento saudável. Isso ocorre porque ela está constantemente aprendendo e absorvendo informações do mundo ao seu redor, e o ambiente em que ela vive tem um impacto significativo em seu bem-estar físico, mental e emocional.

Um ambiente seguro, estável e estimulante é capaz de ajudar a promover o desenvolvimento cognitivo, emocional e social da criança. Por exemplo, um ambiente familiar amoroso e positivo tem potencial para ajudar a criança a desenvolver um senso de segurança e confiança em si mesma, enquanto um ambiente escolar que valoriza a aprendizagem e a criatividade, ajuda a promover o pensamento crítico e a curiosidade (MAIA; WILLIAMS, 2005).

Por outro lado, um ambiente negativo ou tóxico prejudica seriamente o desenvolvimento da criança. Um ambiente que envolve violência, negligência ou abuso, pode levar a problemas de saúde mental e comportamental, como ansiedade, depressão e comportamento agressivo (MAIA; WILLIAMS, 2005).

1.2 A rotina de estudo como atividade molar do desenvolvimento e aprendizagem

Ao falar de ambientes e afetos, cabe citar a Teoria Bioecológica de Bronfenbrenner (1996), que propõe que o desenvolvimento humano é influenciado por ambientes, e esses são analisados na forma de múltiplos

sistemas que interagem entre si. Segundo o autor, o ambiente/sistema influencia a pessoa, e ela o ambiente.

Esses sistemas incluem o ambiente imediato da criança, chamado de microsistema, como a família e a escola, e ambientes mais amplos, como a comunidade e a sociedade em geral, chamado de mesossistema. A teoria destaca a importância desses sistemas na formação e no desenvolvimento da criança, incluindo sua aprendizagem.

Quando se trata do processo educativo, a Teoria Bioecológica de Bronfenbrenner (1996) sugere que os ambientes em que as crianças vivem e aprendem, desempenham um papel fundamental em seu sucesso acadêmico e emocional. Ambientes que são seguros, acolhedores e encorajadores são mais propensos a promover o desenvolvimento saudável e a aprendizagem positiva. Dentro desses ambientes, vale ressaltar o microsistema, citado acima, em que o indivíduo participa ativamente das relações. Neste sistema, destacam-se as atividades molares, que

constituem a manifestação principal e mais imediata tanto do desenvolvimento do indivíduo quanto das forças ambientais mais poderosas que instigam e influenciam o desenvolvimento - as ações das outras pessoas (BRONFENBRENNER, 1996, p. 37).

Segundo o autor, as atividades molares são nortes que indicam o desenvolvimento psicológico da pessoa em questão e “constituem o principal veículo para a influência *direta* do meio ambiente sobre a pessoa em desenvolvimento.” (BRONFENBRENNER, 1996, p. 37).

Essas atividades são reconhecidas pelo autor como formas de comportamento por acontecerem de forma duradoura (diferentemente de um ato - como um sorriso - que acontece de forma rápida, mesmo podendo ter relevância), e por terem grande importância ou significado tanto para pessoa em desenvolvimento, quanto para as outras envolvidas no ambiente. No microsistema familiar, podem acontecer inúmeras atividades molares fundamentais para o desenvolvimento e aprendizagem: brincar, ouvir histórias, assistir um filme e estudar.

Quando as crianças são encorajadas e apoiadas emocionalmente durante a

realização de atividades molares, elas sentem-se mais confiantes e motivadas a enfrentar os desafios. Por outro lado, se elas se sentem pressionadas, desencorajadas ou desvalorizadas, há o risco de perderem o interesse e a motivação pela aprendizagem.

O afeto também é um aspecto importante da aprendizagem e do desenvolvimento infantil, por trazer sensação de segurança emocional, que é capaz de aumentar a motivação da criança para aprender e explorar novos desafios, o que, relacionando à teoria de Bronfenbrenner, ela está, na prática, se envolvendo e sendo envolvida pelo ambiente.

O fato de a criança se tornar capaz de estabelecer relacionamentos interpessoais complexos sozinha reflete um importante princípio na ecologia do desenvolvimento humano: conforme o mundo fenomenológico da criança se amplia para incluir aspectos cada vez mais amplos e mais diferenciados do meio ambiente ecológico, ela se torna capaz não só de participar ativamente daquele meio ambiente, mas também de modificar e aumentar sua estrutura e conteúdo (BRONFENBRENNER, 1996, p. 39).

Portanto, a relação entre atividades molares, afeto e aprendizagem é bastante importante para o sucesso acadêmico e emocional das crianças, principalmente tratando-se da rotina como uma atividade molar. Quando essas atividades são apresentadas de maneira relevante, interessante e com apoio emocional adequado, elas podem promover motivação, aprendizagem e desenvolvimento cognitivo saudável.

Com os pontos ressaltados acima, cabe destacar que o objetivo geral deste trabalho é compreender o possível impacto da participação da família na construção de hábitos de estudo.

Os objetivos específicos desta pesquisa são: 1) Levantar impactos durante a pandemia, com base nas narrativas parentais. 2) Apontar impactos após a pandemia, com base nas narrativas parentais. 3) Identificar sugestões para a construção de hábitos de estudo.

2. METODOLOGIA

2.1 Aspectos Metodológicos

Para a construção da pesquisa, foi utilizada uma metodologia qualitativa, uma vez que procurou-se levantar informações para compreender as vivências das participantes. Foram convidados pais, mães e responsáveis pelas crianças, mas apenas mães aceitaram e/ou se interessaram em participar da pesquisa e a realizar as entrevistas. O fato de só as mães terem aceitado participar, mostra que há uma naturalização do papel central da mãe no cuidado e acompanhamento das crianças.

Todas as entrevistadas são mães de alunos do Ensino Fundamental 1, que deram relatos sobre suas experiências a respeito da construção de rotina e hábitos de estudos, durante e após a pandemia, e contaram se adotaram ou não estratégias para ajudar os(as) filhos(as) no processo de aprendizagem.

A análise qualitativa baseou-se em entrevistas narrativas, em que as mães entrevistadas contaram as suas próprias histórias, dificuldades, desafios, preocupações ou até mesmo pequenas ou grandes conquistas que alcançaram durante a pandemia, a respeito dos estudos de seus(as) filhos(as), além dos possíveis hábitos que estavam sendo criados para serem reforçados, também, em um período pós-pandêmico.

2.2 Objetivos da Pesquisa

Conforme explicitado no final da introdução, o objetivo geral é compreender o possível impacto da participação da família na construção de hábitos de estudo.

Os objetivos específicos desta pesquisa são: 1) Levantar impactos durante a pandemia, com base nas narrativas parentais. 2) Apontar impactos após a pandemia, com base nas narrativas parentais. 3) Identificar sugestões para a construção de hábitos de estudo.

2.3 Participantes da Pesquisa

As participantes da pesquisa foram cinco mães de crianças que já estavam frequentando o Ensino Fundamental 1, durante a pandemia do Coronavírus,

no ano de 2020. A fase escolar das crianças (Ensino Fundamental 1) foi essencial para a escolha das entrevistadas, pois a pesquisa pretendeu, em um dos seus objetivos específicos, entender como foi a dinâmica, as estratégias e a construção de hábitos de estudos das famílias durante a pandemia e quais foram os impactos do posicionamento da família na vida escolar das crianças. No Quadro 1: Perfil das Participantes, apresentamos as informações mais relevantes sobre as participantes da pesquisa. Os nomes das mães participantes e de seus(as) filhos(as) foram mantidos em sigilo através do uso de um codinome escolhido por cada uma das participantes.

QUADRO 1: PERFIL DAS PARTICIPANTES

Identificação	Idade	Profissão / Formação	Quantidade de filhos (as)	Ano escolar do(a) filho(a)	Desempenho do(a) filho(a) na escola	Importância do acompanhamento da vida escolar
Nina	41	Jornalista e Psicóloga	3	5º ano, 2º ano e Infantil 1	Muito bom (todos)	Muito importante
Joana	37	Fonoaudióloga	1	6º ano	Bom	Muito importante
Débora	32	Profissional de limpeza em escola	1	4º ano	Bom	Muito importante
Mara	39	Servidora Pública Federal	2	5º e 6º anos	Muito bom (todos)	Muito importante
Márcia	44	Nutricionista	2	6º e 7º anos	Bom (todos)	Muito importante

Fonte: Autoria própria

2.4 Instrumentos de Pesquisa

Os instrumentos utilizados nesta pesquisa foram: um formulário on-line criado pela autora do artigo, no *Google Forms*, para coletar as informações necessárias para conhecer os perfis das participantes, que são todas mulheres. Como: idade, profissão, codinome escolhido tanto para a mãe quanto para as crianças (para proteger o nome verdadeiro dos participantes) e perguntas curtas, que tinham o objetivo de levantar a opinião do responsável sobre o acompanhamento da família no desenvolvimento escolar infantil. Essas informações foram apresentadas na seção anterior. Além disso, foi feita uma entrevista, em que as mães contavam suas narrativas, com base em três perguntas construídas conforme os objetivos de estudo. Cabe ressaltar que todas concordaram e aceitaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE, para proteger seus dados e manter a ética do estudo.

2.5 Procedimentos da Pesquisa

A entrevista seguiu o eixo norteador de três perguntas, de acordo com os objetivos específicos traçados, mas não engessou o método de pesquisa, pois, por ser qualitativa, seu foco foi buscar dados reais, para compreender e entender as experiências dos responsáveis.

Com isso, além de contarem o que aconteceu na pandemia, as mães também foram questionadas sobre as mudanças decorrentes da volta às aulas presenciais, como: o que mudou, melhorou, piorou e/ou foi observado sobre as crianças e as suas relações na escola, num cenário pós-pandemia.

Ademais, as entrevistadas foram convidadas a refletir sobre quais conselhos e sugestões dariam para outros pais, sobre estratégias, técnicas, dicas de acompanhamento ou de rotina, que fizeram com seus filhos e deram certo, ou até mesmo do que não teve um bom resultado, ou do que não sugerem fazer com as crianças em relação à escola.

O intuito deste terceiro e último tópico das perguntas, foi trazer um momento de autoavaliação em que a mãe pudesse ter a oportunidade de pensar na sua própria trajetória, e qual tem sido a participação de sua família na construção de hábitos de estudos das crianças. Vale ressaltar que esta reflexão foi abordada de forma ética e sensível, sem a intenção de deixar a

mãe acuada ou envergonhada, mas sim que, de forma leve, ela pudesse trazer sugestões e conselhos para agregar à pesquisa, de acordo com os seus próprios aprendizados e reflexões.

Os procedimentos utilizados na pesquisa foram: 1) Envio de um convite para as mães. Foi feito via *WhatsApp*, já que a autora já conhecia as mães, e escolheu um processo mais rápido e mais empático do que via e-mail. Neste convite foi apresentado o perfil da pesquisadora, explicando que está se formando em Pedagogia, o tema do artigo e a ideia da pesquisa, que seria feita uma entrevista; 2) Agendamento das entrevistas. Ao todo foram cinco entrevistas, duas foram realizadas presencialmente e três virtualmente, todas com autorização para gravação de voz. A primeira entrevista presencial durou cerca de trinta minutos e as outras duraram por volta de quinze a vinte minutos.

Para facilitar o entendimento e para ser uma entrevista mais didática, foi feita uma pequena apresentação no *Google Apresentações*, com *slides* contendo uma imagem para cada tópico de cada ponto abordado nos objetivos específicos. A apresentação era mostrada para a mãe, antes de iniciar a conversa. Foi lembrado tanto o tema da pesquisa, quanto o objetivo dela e foi explicado que as mães teriam uma narrativa livre para contarem as suas experiências, e que as imagens a serem apresentadas serviriam para ilustrar os cenários abordados (pandêmico e pós-pandêmico), e não para limitá-las em compartilhar suas vivências.

Os três tópicos para guiar a narrativa das mães, foram: i) Estudos durante a pandemia - aulas *online* e desafios; ii) Estudos após pandemia - o retorno às aulas e desafios e iii) Sugestões para outros pais sobre construção de hábitos de estudos.

No *slide* sobre o primeiro tópico, foi utilizada uma imagem de uma criança estudando através de um computador, para representar as aulas *online*. Já no *slide* sobre o segundo tópico, foi utilizada uma imagem com crianças estudando juntas em uma mesa na escola, para simbolizar o retorno às aulas presenciais. Por fim, no *slide* a respeito do terceiro tópico, foi colocada a imagem de uma mão colocando um *post-it* na parede, para demonstrar ideias, sugestões e/ou conselhos que as mães poderiam dar livremente.

2.6 Procedimentos de análise da Pesquisa

As informações obtidas através das entrevistas foram alvo de uma Análise Temática (AT). Conforme Souza (2019), a AT é um procedimento de análise que permite a codificação e o agrupamento das informações em categorias temáticas. As categorias foram construídas a partir dos objetivos da pesquisa e das narrativas das participantes, obtidas através das entrevistas. No caso, foram construídas três categorias temáticas de análise: Categoria 1: possíveis impactos da participação da família na construção de hábitos de estudo da(s) criança(s) durante a pandemia. Categoria 2: possíveis impactos da participação da família na construção de hábitos de estudo da(s) criança(s) após a pandemia. Categoria 3: sugestões para outros pais sobre construção de hábitos de estudo no Ensino Fundamental 1.

3. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os resultados desta pesquisa foram construídos com base nas narrativas feitas pelas mães durante as entrevistas. As informações obtidas através do questionário *online Google Forms*, no qual foram feitas breves perguntas para entender melhor o perfil das entrevistadas, foram expostas no tópico **2.3 Participantes da pesquisa**, por meio do Quadro 1.

Além do perfil traçado das participantes, o formulário foi importante para entender o que as mães acham sobre o desempenho dos próprios filhos nas escolas, e o que pensam sobre a participação da família nos estudos.

Foram obtidas as seguintes informações: 3 das 5 mães consideram o desempenho de seu(s) filho(s) na escola como bom. Já 2 das 5 consideram o desempenho muito bom. Todas as participantes afirmaram que acham muito importante acompanhar a vida escolar do(s) filho(s). A idade das crianças varia entre 8 e 13 anos, contemplando as séries escolares do 2º ao 7º ano.

Vale ressaltar que o foco das entrevistas foi nos alunos que, durante a pandemia, estavam cursando o Ensino Fundamental 1, que foi o nível de ensino pesquisado.

Foram levantadas três categorias anteriormente, com base nos objetivos traçados, que originaram as perguntas e os tópicos principais que pautaram as entrevistas. Eis as perguntas feitas às mães: i) Como a família lidou com o novo modelo de aulas *online*, devido à pandemia? Quais foram os maiores desafios? Qual foi o impacto da família nos estudos?; ii) Como a família lidou com a volta às aulas presenciais? Quais foram os maiores desafios?; iii) Quais sugestões você daria para auxiliar outros pais na construção de hábitos de estudos? O que você faria novamente ou o que não repetiria?

Vale lembrar que, durante as entrevistas, houve um cuidado para não enviesar as respostas das entrevistas para além da realidade vivida pela família. Por exemplo, foi perguntado como a família lidou com algumas situações, sem afirmar diretamente que a família participou da criação de hábitos de estudos.

Todos os nomes verdadeiros das mães foram mantidos em sigilo, em respeito à ética e à proteção de dados, com isso, é válido ressaltar que foram usados codinomes.

O levantamento dos resultados das entrevistas inicia com a análise da Categoria 1, que visa conhecer e entender os desafios, as vivências e as experiências das mães durante a pandemia do Coronavírus. Os desafios enfrentados foram os primeiros a serem narrados, e foram inúmeros. São eles: dificuldade em aprender a lidar com as novas tecnologias e plataformas oferecidas pela escola; preocupação com a equipe da escola, que demonstrava não saber sobre o que deveria ser feito ou não; preocupação com o fato das crianças ficarem muito em telas; dificuldade com espaço físico para a criança estudar e dificuldade em ter internet em casa para conseguir acompanhar a aula.

Em relação ao dever de casa e à construção de hábitos de estudos, a mãe de codinome Mara, disse que a sua estratégia foi tentar fazer tudo que precisava pela manhã, tanto assistir as aulas quanto fazer os deveres de casa, que eram feitos todos os dias, para que o período da tarde pudesse ficar livre.

A mãe de codinome Márcia, comentou que, no cenário pandêmico, seus filhos precisaram morar com os avós, já que ela trabalhava em um hospital referência em combate ao Coronavírus, com isso, quem assumiu o papel de

fazer e acompanhar os deveres de casa, foi o avô materno. Ela afirmou que o acompanhamento foi tranquilo e muito leve, sem cobranças, até porque a família toda estava sofrendo com a situação de distância, e ela não queria trazer uma carga emocional e uma pressão sobre a escola, para os seus filhos.

Já a mãe de codinome Joana, disse que a única estratégia realizada foi separar um espaço específico da casa para sua filha ver a aula *online* sozinha, para ela ficar mais reservada e poder se concentrar mais. Não havia obrigação de fazer dever de casa, então, era feito apenas quando a mãe lembrava. Não tinha cobrança, pois era difícil fazer a criança se concentrar, por conta do TDAH diagnosticado. Ela afirmou que a filha não queria fazer as atividades sozinha, apenas com a mãe, e isso a sobrecarregou, fazendo com que ela tomasse a atitude de optar por não fazer o dever de casa todos os dias. O único horário que a filha tinha fixo na rotina, era o da escola, com as aulas *online*, as quais teve muita dificuldade em acompanhar, pois na maior parte do tempo, ficava interagindo com os amigos e brincando no chat da plataforma, o que, na visão da mãe, atrapalhou seu desempenho.

A mãe de codinome Nina, contou que a escola mandava um entregador levar os kits com materiais escolares e as atividades para fazer em casa, e ela e seus filhos faziam algumas tarefas juntos, pois eles não estavam motivados a fazerem as atividades sozinhos e, muitas vezes, se recusavam a fazer os deveres de casa. Ela também percebeu que a parte da socialização sofreu um grande prejuízo, porque houve uma lacuna enorme de tempo, espaço e convivência devido ao confinamento.

Por fim, a mãe de codinome Débora relatou que seu filho só assistia aula com ela, caso contrário, em qualquer momento que ela se levantasse, a criança iria embora. Além disso, comentou que com poucos minutos de aula *online*, seu filho ficava inquieto e queria ir embora, e isso dificultou bastante o aprendizado.

Ao analisar todas as respostas das entrevistas da Categoria 1, foi observado que também foram levantadas os seguintes pontos: 4 das 5 mães tiveram dificuldade em fazer as crianças assistirem as aulas *online* por completo; 3 das 5 das mães comentaram - mesmo sem ter tido uma pergunta

específica sobre isso, que tiraram as crianças das aulas de inglês que faziam no cursinho, por acreditar não ser efetivo fazer de forma *online*, e também por não quererem mais uma atividade para acompanhar e se responsabilizar; 4 das 5 mães tinham condições para oferecer computador para assistirem as aulas *online* e 1 das 5 tinha apenas o celular para acompanharem; todas as mães relataram que teve dificuldade em conciliar a dinâmica de afazeres domésticos com trabalho remoto e aulas *online*.

Em relação à primeira categoria de análise, podemos dizer que as famílias e, especificamente as mães, procuraram acompanhar as atividades escolares de acordo com as possibilidades e a dinâmica familiar no momento da pandemia. As características das crianças também foram consideradas. Para tentar construir alguns hábitos de estudo, as famílias usaram estratégias como: procurar um espaço adequado para a realização das atividades escolares, estabelecer um horário específico do dia para essas atividades, e acompanhar a criança durante as atividades.

A Categoria 2 diz respeito à participação da família num contexto pós-pandêmico. A mãe de codinome Nina percebeu que estavam acontecendo algumas discussões e chateações frequentes entre as crianças, levando em consideração seus filhos e colegas. Com isso, ela sinalizou um possível prejuízo na socialização, segundo ela, trazido pela pandemia.

Nina também relatou que voltar ao sistema presencial trouxe mais benefícios do que prejuízos, pois nada se compara à presença da professora, em sua opinião, já que os pais não substituem a sua autoridade e nem conseguem transmitir a segurança que a professora passa, tanto de domínio de turma, quanto de conteúdo. A mãe sentiu um grande apoio da escola para com a sua família, em relação à readaptação ao sistema presencial, para voltar a ajudar os filhos tanto com as tarefas escolares, como com a socialização.

Já a mãe de codinome Mara, percebeu que suas duas filhas ficaram mais receosas, mais temerosas, mais críticas e mais medrosas em relação ao ambiente escolar, pois tinham medo de adoecer. Ambas ficaram mais críticas principalmente em relação aos colegas, preocupadas em serem contaminadas de alguma forma com algum tipo de gripe ou com o próprio Coronavírus. Em

relação ao conteúdo, a mãe percebeu várias lacunas: dificuldades de se acostumarem com a nova rotina, com a quantidade de deveres de casa - que era muito maior do que *online*, com a complexidade dos conteúdos e com a readaptação às provas presenciais.

Mara também relatou não ter gostado do fato da escola não ter cobrado os alunos como deveria, durante a pandemia, pois agora, na readaptação, está sendo difícil acompanhar as atividades cobradas pelo atual ano escolar das crianças, de forma que ela observou que elas não tiveram a base de conteúdos necessários no ano anterior, para seguir no período em que estão. Ela percebeu que não houve um bom preparo para a transição de um ano para o outro. Em compensação, afirmou que suas duas filhas desenvolveram o hábito de leitura, devido ao grande tempo ocioso que tinham.

A mãe de codinome Márcia, por sua vez, contou, em suas palavras, que percebeu que seus filhos perderam parte da capacidade de escrever e de interpretar. Principalmente porque estavam muito acostumados a fazer atividades *online* objetivas, em que as respostas já estavam prontas e não exigiam os esforços de pensar e escrever das crianças, apenas o ato de clicar ou digitar.

A mãe de codinome Joana, percebeu que houve mudança nos estudos pós-pandemia, principalmente na parte da escrita, pois reparou que foi difícil para a sua filha se readaptar, pois apresentava letras quase ilegíveis e muitos erros de português. Houve também uma enorme dificuldade em seguir a nova rotina presencial, como acordar mais cedo, fazer dever de casa todos os dias, manter os materiais organizados e seguir a dinâmica que a escola envolve.

Por fim, a mãe de codinome Débora comentou que, quando as aulas voltaram de forma presencial, percebeu sequelas - dito em suas palavras - de insegurança em seu filho, pois ele tinha medo de fazer o dever, estudar e assistir aula sozinho. Como durante a pandemia ele só fazia as atividades acompanhado, ele passou a ter receio de fazer sem ajuda e começou a ter medo de errar, gerando um grande bloqueio para fazer qualquer tipo de atividade, de forma que sempre chorava quando tinha que fazer algum dever.

A mãe percebeu que, por conta desta aversão ao erro, ele desenvolveu uma insegurança enorme e uma grande resistência a lidar com as frustrações

do dia a dia. Em relação aos conteúdos, ela observou troca de fonemas, de sílabas e resistência ao obedecer o professor em sala, justamente para evitar de ser corrigido e ter que lidar com o próprio erro. O professor orientou a mãe a procurar um psicólogo para acompanhamento.

Apenas duas estratégias em comum foram utilizadas pelas famílias para auxiliar as crianças na criação de hábitos de estudos pós-pandemia: terceirizar ajuda das tarefas escolares com um professor particular e manter uma rotina de ter o mesmo horário de dever de casa todos os dias.

Por fim, na Categoria 3, de conselhos e sugestões, as mães comentaram sobre estratégias que tomaram que deram certo e falaram o que não aconselham os pais a fazerem com os filhos, em relação aos hábitos de estudos e em relação ao contexto família-escola.

A mãe de codinome Nina, sugeriu aos pais e às mães a buscarem informações sobre formas de transmissão de conteúdos, pois pode facilitar o entendimento a respeito da dinâmica das escolas. Também sugeriu aos pais ficarem mais atentos às evoluções da neurociência e da neuroeducação, pois a constante atualização sobre as formas de aprendizagem traz benefícios na relação pais-escola-criança, para trazer um melhor aproveitamento nos estudos e melhor participação da família nas atividades.

Ademais, reconheceu que a tecnologia pode ser uma grande aliada à educação, e que os pais poderiam, ao disponibilizar tela para os filhos, buscar jogos educativos. Além disso, aconselhou ter um olhar sensível para o(a) filho(a), para enxergar além das questões de notas e de conteúdos. Ela afirmou, como mãe e psicóloga, que estar disponível para ouvir atentamente as crianças, a fim de conhecê-las profundamente, e entender o que querem e o que gostam, é essencial para a conexão entre pais e filhos.

Acrescenta que, buscar ter pelo menos um dia da semana para ter um momento em família, é fundamental para que, nessa convivência, o pai, a mãe ou o responsável, se torne naturalmente uma referência para a criança em vários aspectos. Seja uma referência de comportamento, de reação, de controle de emoções, de demonstração de carinho, ou de outro âmbito familiar, emocional e psicológico. Ainda comenta que não acredita ser saudável cobrar o filho pela nota, mas sim criar uma relação e reconhecer o esforço da criança,

para que ela não se sinta ansiosa, sobrecarregada, cobrada e pressionada. E caso os pais não consigam ajudá-la, solicitar o apoio de um professor particular. O ideal é a criança se sentir leve para fluir na vida e na escola, segundo ela.

A mãe de codinome Mara, aconselha olhar as peculiaridades de cada criança, incentivar a autonomia, mas de forma que o responsável não deva criar o hábito de sempre chamar a criança para fazer o dever, e muito menos fazer e responder por ela, mas deve combinar um horário para ela fazer as tarefas todos os dias, dando espaço e liberdade para ela ser responsável para cumprir os combinados. O ideal, segundo Mara, seria o responsável estar disponível para ajudar quando precisar e deixar a criança tentar sozinha e, caso precise, solicitar ajuda.

Outro ponto destacado seria não sobrecarregar a rotina das crianças com atividades extras, para que elas tenham tempo livre para brincar e viver a infância. Também, aconselha observar o perfil de cada criança para saber se a rotina estipulada encaixa com a realidade dela. Mara ressalta ser importante elogiar os hábitos das crianças, e não apenas as suas características, por exemplo: elogiar o fato de estar estudando, lendo, sendo organizada, comprometida e não apenas elogiar o fato de ser inteligente.

Além disso, indica recompensar os filhos pelos bons hábitos e não enxergá-los meramente pelo valor de uma nota, e ter um olhar sensível, que valorize o esforço, e que reconheça se deram o seu melhor. Os pais ou responsáveis devem oferecer apoio, segundo ela, e ter paciência para entender o perfil de cada filho e não cobrar além da sua idade e maturidade. Mara finaliza afirmando que o que vale é saber se a criança se esforçou nos estudos, e não focar apenas no seu boletim final, mas no trabalho individual da criança, de acordo com as suas individualidades.

A mãe de codinome Márcia, por sua vez, sugere que o foco dos pais e responsáveis deve ser tentar não se frustrar com as expectativas que têm em relação aos filhos sobre os estudos. Sugere valorizar todas as habilidades que eles têm como pessoas, como crianças, e também, caso o adulto reconheça que não tem tempo ou caso reconheça que não consegue acompanhar os conteúdos para ajudar o filho, que contrate um professor particular.

Já a mãe de codinome Joana, sugeriu estabelecer um horário para a criança brincar, estudar e ter uma rotina no dia a dia, acompanhar os deveres de casa e, para quem tem a vida muito corrida e não consegue acompanhar a escola do filho da forma que gostaria, contratar um professor particular. Ela trouxe pontos de sugestões do que os pais não deveriam fazer com os filhos no contexto escolar e sobre os estudos, como: considerar o estudo como uma obrigação ou punição, pressionar a criança com ameaça e castigo, prometer recompensas e não cumprir, deixar de dar descanso entre as atividades e fazer comparações entre os amigos, sobre notas e comportamentos.

Por fim, a mãe de codinome Débora, aconselha não cobrar e não pressionar o filho, mas buscar aceitar o tempo dele e entender sua individualidade, pois a criança não vai aprender de acordo com o tempo esperado pela família, mas no seu próprio ritmo. Isso deve-se ao fato de, segundo ela, ser importante evitar retrain a criança, para não gerar insegurança ou dependência dos pais.

Pois uma criança que sente liberdade para desenvolver-se em seu próprio tempo, de acordo com seu ponto de vista, tem segurança para fazer dever de casa sozinha e descobrir o próprio tempo de leitura e de escrita, gerando mais independência para interpretar, pensar e criar as suas próprias respostas nas tarefas escolares.

Continua afirmando que os pais devem, segundo sua sugestão, abrir caminhos para a aprendizagem dos filhos, incentivar a autonomia deles e reconhecer as suas limitações para saber o momento em que precisam pedir ajuda de um terceiro, para auxiliar os filhos com as atividades, como um professor particular.

Observou-se que 4 das 5 mães indicaram procurar alguém para ajudar os filhos com as tarefas da escola, como um professor particular, caso os pais ou responsáveis não consigam acompanhar os conteúdos, ou não tenham tempo ou reconheçam que não têm perfil para tal. A maioria das mães sugere, também, ter um olhar sensível ao filho, e não cobrá-lo pela nota que tem, mas pelo seu esforço, além de estar atento a reconhecer as suas conquistas e potencialidades, que são aspectos essenciais para a construção de um ambiente familiar seguro (Maia; Williams, 2005).

A maioria dos pais considera importante realizar atividades de estudo com os(as) filhos(as). De acordo com o Modelo Bioecológico, essas atividades realizadas no microssistema família são propulsoras da aprendizagem e desenvolvimento, pois aproximam os filhos dos pais, criando uma relação de afetividade e confiança, gerando um ambiente favorável para o pleno desenvolvimento da criança (BRONFENBRENNER, 1996).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme explicitado anteriormente, o objetivo do estudo realizado é compreender o possível impacto da participação da família na construção de hábitos de estudos de estudantes do Ensino Fundamental 1 durante e após a pandemia do Coronavírus.

Consideramos que esse objetivo foi alcançado, uma vez que foi possível verificar a importância da participação das mães, e da família em geral, nas atividades escolares, como o acompanhamento dos deveres de casa, o estabelecimento de rotina de estudos e principalmente a afetividade e acolhimento por parte dos pais, para as crianças se sentirem mais compreendidas e seguras para aprenderem. A afetividade e o acolhimento destacados, se encaixam em atitudes sobre práticas parentais positivas, trazidas por Turini e Loureiro (2011).

Dentre os resultados mais relevantes destacamos a importância da afetividade e da participação da família, que é capaz de criar um microssistema familiar, que estimule uma rotina de estudos, como destacado por Soares *et al* (2004), que gere confiança e que seja um ambiente saudável para o pleno desenvolvimento da criança. Além disso, foi observado que todas as mães entrevistadas consideram muito importante realizar atividades de estudo com os(as) filhos(as).

Ademais, foi apontado ser de extrema importância ter uma boa comunicação entre a família e a escola, para entender como a criança está se desenvolvendo e se ela apresenta ou não dificuldades, e como os pais e a escola podem lidar com isso.

Durante a pandemia, cada família tentou acompanhar e criar estratégias

para as crianças se engajarem nas atividades de estudos, de acordo com suas possibilidades e com a dinâmica familiar do momento, porém, muitas mães relataram que tentaram não pressionar os(as) filhos(as), devido à tensão que o próprio confinamento trazia.

É válido destacar que 4 das 5 mães entrevistadas indicaram a participação de um terceiro, como um(a) professor(a) particular, para ajudar a família no acompanhamento das atividades da escola.

É importante sinalizar que, durante a entrevista, as mães participantes relataram possíveis dificuldades apresentadas pelas crianças no retorno ao sistema presencial, principalmente em leitura e escrita, apresentando letras ilegíveis, leitura confusa, interpretação de texto ineficiente e insegurança para realizar tanto os deveres de casa, quanto fazer provas presenciais sozinhas.

De acordo com as participantes, essas dificuldades podem ter surgido em função do período de aulas e atividades *online* durante a pandemia. Assim, pensamos na importância de serem realizados estudos sobre essa questão.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017.

BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm

DANTAS, Gabriela Didoné. **Criança precisa de rotina**. Revista Saúde. Florianópolis, 4 de novembro de 2020. Disponível em: <https://rsaude.com.br/florianopolis/materia/crianca-precisa-de-rotina/21629>.

Rani, R., & Kumar, M. (2021). **Impact of Study Habits on Academic Achievement of Primary School Students**. International Journal of Research in Engineering, IT and Social Sciences, 11(4), 7-13.

ALBUQUERQUE, G. S.; Fernandes, L. N.; Silva, D. C.. **Hábitos de estudos: a importância do estudo e da organização para o desenvolvimento da aprendizagem no ensino fundamental**. Brazilian Journal of Development, 5(12), 29997-30007, 2019.

BRONFENBRENNER, Urie. **A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados**. Porto Alegre, 1996.

TURINI, Alessandra; LOUREIRO, Sonia Regina. **Práticas educativas parentais e repertório comportamental infantil: comparando crianças diferenciadas pelo comportamento**. Paidéia, Jan.-Abr., Vol. 21, No. 48, 61-71, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/paideia/a/hxhFWrgQJzNtbLgNhf4Hh4r/?format=pdf&lang=pt> . Acesso em: 10 de Março de 2023.

SOARES, Maria Rita Zoéga; SOUZA, Sílvia Regina de; MARINHO, Maria Luiza. **Envolvimento dos pais: incentivo à habilidade de estudo e crianças**. Estudos de Psicologia, Campinas, v.21, n.3, p.253-260, setembro/dezembro 2004.

FONSECA, Patrícia Nunes da; ANDRADE, Patrícia Oliveira de; SANTOS, Jérssia Laís Fonsêca dos; CUNHA, Jéssica Emmily Monteiro; ALBUQUERQUE, Juliana Henrique de Assis. **Hábitos de estudo e estilos parentais: estudo correlacional.** Psicol. Esc. Educ. Maio-Agosto 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/P7rFhJ65SrGjbXgNTDK9cLB/?lang=pt>. Acesso em: 08 de Maio de 2023.

MAIA, Joviane Marcondelli Dias; WILLIAMS, Lucia Cavalcanti de Albuquerque. **Fatores de risco e fatores de proteção ao desenvolvimento infantil: uma revisão da área.** Temas em Psicologia — 2005, Vol. 13, no 2, 91 – 103. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v13n2/v13n2a02.pdf>.

SOUZA, Luciana Karine de. **Pesquisa com análise qualitativa de dados: conhecendo a Análise Temática.** Pesquisa com análise qualitativa de dados: conhecendo a Análise Temática. 2019. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/245380/001129530.pdf>.

SILVA, Ana Paula Ferreira da. Estratégias pedagógicas em aulas remotas: acentuando desigualdades. In: REUNIÃO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 40, 2021, Pará. Anais... Pará: ANPEd, 2021. Disponível em: http://anais.anped.org.br/p/40reuniao/trabalhos?field_prog_gt_target_id_entityreference_filter=27

MACEDO, R. M. (2013). A família do ponto de vista psicológico: lugar seguro para crescer?. Cadernos De Pesquisa, (91), 62–68. Recuperado de <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/877>